

**Autoridade docente e indisciplina na escola: a voz dos professores<sup>1</sup>**

**Teaching authority and school indiscipline: the teachers' voice**

**La autoridad docente y la indisciplina en la escuela: la voz de los profesores**

*Suele Aparecida Leite de Sousa<sup>2</sup>  
Maria do Horto Salles Tiellet<sup>3</sup>*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe14298>

**Resumo:** A presente pesquisa tem como objetivo conhecer a percepção dos professores sobre a autoridade docente no enfrentamento da indisciplina. A abordagem do estudo é qualitativa descritiva. O locus do estudo foi uma escola pública estadual do município de Cáceres-MT, e os sujeitos foram seis professores efetivos de turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Para a coleta dos dados utilizou-se de fontes documentais e da entrevista, constatando-se que o termo autoridade docente se refere tanto à percepção autoritária quanto à percepção democrática. As duas percepções sustentam distintamente as ações de enfrentamento que os sujeitos definem como indisciplina.

**Palavras-chave:** Autoridade docente. Indisciplina. Relação professor-aluno.

<sup>1</sup> Neste Artigo apresenta-se o resultado da pesquisa que teve origem na dissertação de mestrado de mesmo nome - Autoridade docente e indisciplina escolar -, defendida em 2021 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7810-8375>. Contato: [suelelsilva@gmail.com](mailto:suelelsilva@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1794-7271>. Contato: [mariahtiellet@gmail.com](mailto:mariahtiellet@gmail.com)

**Abstract:** This study aims to learn the teachers' perception of teaching authority in dealing with indiscipline. The study approach is qualitative and descriptive. The locus of the study was a state public school in the municipality of Cáceres-MT, and the subjects were six regular classroom teachers from the final years of the nine-grade elementary school. Documentary sources and interviews were used to collect the data, and it was found that the term teacher authority relates to both authoritarian and democratic perceptions. The two perceptions provide different support for actions to face up to what the subjects define as indiscipline.

**Keywords:** Teaching authority. Indiscipline. Teacher-student relation.

**Resumen:** El objetivo de esta investigación es conocer la percepción de los profesores sobre su autoridad a la hora de tratar la indisciplina. El enfoque del estudio es cualitativo y descriptivo. El locus del estudio fue un colegio público estatal del municipio de Cáceres-MT y como sujetos fueron seis profesores titulares de clases de los últimos de los nueve años de la enseñanza básica. Se utilizaron fuentes documentales y entrevistas para recoger los datos, y se encontró que el término autoridad del profesor se relaciona tanto con percepciones autoritarias como democráticas. Ambas percepciones apoyan de forma distinta las acciones para hacer frente a lo que los sujetos definen como indisciplina.

**Palabras clave:** Autoridad docente. Indisciplina. Relación profesor-alumno.

## 1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

A escola é um dos primeiros espaços de convivência pública da criança, lugar em que ela vai interagir com outras pessoas e construir sua identidade e autonomia. Mas tem-se observado que as escolas vêm apresentando diversos problemas em seu interior, que vão desde a compreensão do seu papel social às questões que envolvem a gestão, a função social do professor e as práticas pedagógicas.

É comum, no cotidiano das escolas, haver um clima de certa insegurança frente aos conflitos existentes no seu interior e no entorno. Na sala de aula, o sentimento de insegurança depende de cada professor, na relação que ele estabelece com os alunos, com os desafios próprios do componente curricular em que atua e com os desafios necessários para o bom andamento do processo ensino-aprendizagem.

A ação educacional, semelhante a toda e qualquer prática de ensino, faz com que se pense em diferentes situações desafiadoras presentes no cotidiano escolar, com destaque para a problemática da indisciplina, a qual tem desafiado o processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, os professores devem atentar para sua prática, seus métodos de ensino e refletir criticamente sobre o assunto para encontrar a melhor forma de agir nas situações adversas no espaço escolar, isto é, pensar sobre a prática de ensino é um fator fundamental do fazer docente.

Ocorre que, muitas vezes, o professor está sozinho na busca de solução para as ações de conflito que ocorrem em sala de aula. Muitas vezes, a gestão escolar não dá a

real importância a esse fato, e não auxilia os docentes nessas situações, principalmente nas atitudes a serem tomadas em relação à indisciplina em sala de aula.

O conflito no interior da escola, provocado por questões extra ou intramuros tornou-se notícia na mídia, pondo em questionamento o perfil dos estudantes, a gestão escolar e a autoridade do profissional. Entre os diferentes conflitos de origem intramuros destaca-se a indisciplina escolar que se apresenta como um entrave ao trabalho pedagógico.

Para orientar a discussão sobre a indisciplina e a autoridade docente assumimos uma perspectiva teórica fundamentada em um conjunto de pressupostos, em especial nos autores Hannah Arendt (2011); Paulo Freire (1989,1996); Júlio Groppa Aquino (1996,1999) e Silvia Parrat-Dayan (2008), os quais serão apresentados na seção a seguir.

A pesquisa em pauta objetiva contribuir com reflexões sobre a relação entre a indisciplina e a autoridade do professor e, nesse sentido, o estudo é descritivo, de abordagem qualitativa, em que parte do pressuposto é de que os professores têm dificuldade em distinguir indisciplina dos conflitos que ocorrem na escola, relacionando-a à agressão e/ou à violência. Por esse motivo há dificuldade em exercer a autoridade na execução de ações para enfrentar a indisciplina. Frente a isso, o estudo se delinea para responder as seguintes perguntas: De que modo os professores identificam a indisciplina em meio a diferentes conflitos que ocorrem em sala de aula? E como a autoridade docente se constitui em premissa para enfrentar a indisciplina em sala de aula? Essas perguntas têm o objetivo de conhecer a percepção dos professores sobre a autoridade docente no enfrentamento da indisciplina.

Dentre as escolas estaduais de educação básica escolheu-se uma com 19 professores que atuavam nos anos finais do Ensino Fundamental. Nessa escola, foram selecionados seis professores: três deles cujos nomes apareceram com maior frequência no Caderno de Ocorrência, e foram convidados três professores cujos nomes não constavam nesse Caderno. Além do Caderno de Ocorrência utilizou-se a entrevista como instrumento de coleta de dados, e para a sua sistematização utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin.

No próximo tópico faz-se uma reflexão teórica sobre a autoridade docente, demonstrando a relevância do tema na discussão sobre a indisciplina escolar.

## 2 AUTORIDADE DOCENTE

O conceito de autoridade tem sido modificado, ao longo do tempo, devido aos acontecimentos políticos e sociais. Assim, em torno da palavra autoridade existe uma inegável controvérsia que gera certa confusão e torna enigmático o seu significado.

A autoridade nas relações sociais não é um tema novo. Pode-se dizer que ocupa o pensamento humano na vida pública e privada pelo menos desde a filosofia grega. Hannah Arendt, em sua obra intitulada “Entre o Passado e o Futuro”, apresenta um estudo sobre a origem da palavra e do conceito de autoridade. A autora diz que a autoridade desapareceu do mundo moderno, pois o próprio termo tornou-se confuso e controverso depois de vastas experiências políticas e sociais pelas quais passou a humanidade. O termo autoridade nasceu derivado do latim *autoritas*, que, por sua vez, deriva do verbo *augere* para exprimir o que, no quadro de uma relação de poder, pode produzir o aumento desse poder. Entretanto, Arendt (2011) observa que a palavra e o conceito de autoridade são de origem romana, e chama a atenção para o fato de que autoridade não é coisa em si, mas um conceito histórico, e enfatiza:

A autoridade como fator único, senão decisivo, nas comunidades humanas, não existiu sempre, embora tenha atrás de si uma longa história, e as experiências sobre as quais se baseia esse conceito não se acham necessariamente presentes em todos os organismos políticos. A palavra e o conceito são de origem romana. Nem a língua grega, nem as várias experiências políticas da história grega, mostram qualquer conhecimento da autoridade e do tipo de governo que ela implica. Isso é expresso de forma mais clara na filosofia de Platão e Aristóteles, os quais modo inteiramente diverso, mas a partir das mesmas experiências políticas tentaram introduzir algo de parecido com a autoridade na vida pública da polis grega. (ARENDR, 2011, p. 142-143).

De acordo com Arendt (2011), os filósofos Platão e Aristóteles se aproximaram dessa noção e precederam historicamente as experiências políticas romanas. A história grega não demonstra conhecimentos sobre a autoridade na vida pública. Na civilização grega, a noção de autoridade era ligada à vida privada, em que o chefe da família e dos escravos governava baseado na autoridade familiar. Sem dúvida, os romanos sofreram grande influência da filosofia grega, mas foram além, puderam pôr em prática a tentativa grega de fundamentação da autoridade devido à própria experiência política desse conceito que os romanos possuíam.

A civilização romana originou o conceito de autoridade no âmbito público, pois o fundamento da autoridade romana surgiu com base no respeito pelo passado e pelos mais velhos, estes últimos dignos de credibilidade e admiração. Isto porque a autoridade

que vinha dos mais velhos não fazia uso da força ou persuasão para que se fizessem ouvir, pois consistia em um conselho e não em uma ordem.

A criação da palavra e do conceito de autoridade, no contexto da história romana, além de estar presente na esfera política, também assumiu o aspecto educacional.

Politicamente, a autoridade só pode adquirir caráter educacional se admite, com os romanos, que sob todas as circunstâncias os antepassados representam o exemplo de grandeza para cada geração subsequente (sic), que eles são os maiores, por definição. Sempre que o modelo de educação através da autoridade, sem essa convicção fundamental, foi sobreposto ao reino político (e isso sucedeu não poucas vezes, sendo ainda um esteio da argumentação conservadora), serviu basicamente para obscurecer pretensões reais ou ambicionadas ao poder, e fingiu querer educar quando na realidade tinha em mente dominar. (ARENDR, 2011, p.161).

Sob essa concepção, para exercer a autoridade não se deve confundi-la com dominação, sendo necessário que o educador utilize métodos para que os estudantes desde cedo entendam o verdadeiro significado de respeito. E como menciona Arendt (2011), a questão da autoridade inclui a responsabilidade. Portanto, a valorização de conceitos sobre a autoridade de um professor pode parecer uma visão conservadora a respeito da educação, pois, vive-se em uma sociedade “democrática”. Entretanto, a questão é que a autoridade do professor não pode ser considerada perda de autonomia do estudante.

É comum encontrar, nas salas de aula, estudantes nem sempre dispostos a aprender, a ouvir o que o professor expõe, e isso provoca uma condição de conflito entre o professor e o estudante, pois, diversos fatores interferem no bom andamento das aulas. Destaca-se a questão da diversidade, em que o estudante tem dificuldade de conviver com diferenças existentes: físicas, financeiras ou socioculturais. Diante dessa situação, a indisciplina e a violência tomam lugar de destaque no cenário escolar, então é necessário que o professor coloque em prática a sua autoridade, e, nessa perspectiva, exercer uma autoridade adequada diante desses conflitos do cotidiano escolar.

Sendo assim, a orientação é de que o professor direcione suas ações de maneira digna, com seus conhecimentos e intenções, pois é formador de opinião. Segundo Freire (1996, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, e, assim, manter o professor aberto ao diálogo e às indagações do espaço escolar.

Na atuação docente espera-se que o professor lance mão da autoridade de maneira que não se confunda com o autoritarismo, pois, a autoridade, para ser reconhecida, não pode conter a persuasão ou a violência, como argumenta Arendt (2011):

[...] visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida como alguma forma de poder ou violência. Contudo, a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada em si mesmo fracassou. A autoridade, por outro lado, é incompatível com a persuasão, a qual pressupõe igualdade e opera mediante um processo de argumentação. Onde se utiliza argumentos, a autoridade é colocada em suspenso. Contra a ordem igualitária da persuasão ergue-se a ordem autoritária, que é sempre hierárquica. Se a autoridade deve ser definida de alguma forma, deve sê-lo, então, tanto em contraposição à coerção pela força, como à persuasão através de argumentos. (ARENDR, 2011, p.129).

A relação estabelecida entre o professor e os estudantes passa a ser construída por ambos, em comum acordo, que conduz os estudantes a aceitar e entender as regras como posturas a serem tomadas e as possibilidades de mudança. Cria-se, então, uma rotina disciplinada, em que o aluno participa ativamente das atividades escolares, envolvendo-se nas tomadas de decisão e estabelecimento de regras, questionando o professor, relacionando-se com seus colegas, discutindo e opinando sobre as questões postas em sala de aula.

Um dos problemas que aflige os estudantes e preocupa os professores provém da própria natureza das suas relações: o “excesso” da autoridade, ou seja, o autoritarismo, segundo Vasconcellos:

[...] sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro (VASCONCELLOS, 1997, p. 248).

A autoridade, quando utilizada na intenção de orientar os estudantes, é necessária, pois, o professor está pondo em prática a sua responsabilidade: formar para a cidadania. A autoridade faz parte da relação professor-aluno e isso não é errado e sim necessário, porém, precisa ser realizada de modo eficaz para orientar os estudantes a se disciplinarem. E Freire (1996, p. 36) esclarece:

[...] a segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.

Nesse sentido, quando o educador faz uso da autoridade não assume para si vantagens pessoais, mas age em prol dos estudantes. Essa relação que se estabelece entre eles pauta-se no respeito e na obediência voluntária para que os alunos desenvolvam autonomia e, democraticamente, tracem normas que tenham maior possibilidade de serem acatadas e respeitadas por todos.

De acordo com Arendt (2011), o professor tem a responsabilidade de conhecer o mundo, e autoridade porque sabe mais devido à sua formação acadêmica e também por enxergar o mundo de maneira mais ampla, porém, a autoridade do educador se assenta na responsabilidade que ele tem por esse mundo. A autoridade do educador reside na responsabilidade que ele tem em mostrar à criança o funcionamento do mundo em que ela está inserida.

Embora certa qualificação seja indispensável para a autoridade, a qualificação, por maior que seja, nunca engendra por si só autoridade. A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém, sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Em face da criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: – Isso é o nosso mundo. (ARENDR, 2011, p. 239).

Arendt (2011) alerta para o fato de que quando o adulto recusa essa responsabilidade não há educação. Para essa autora, autoridade é uma atitude conservadora em relação à proteção da criança que está começando a conhecer o mundo. Entretanto, constata-se que a autoridade, sendo uma responsabilidade, servirá de guia para os estudantes, de modo que o educador precisa assumir essa autoridade, permitindo aos alunos que adquiram novas atitudes para a melhoria da sociedade.

[...] autoridade do professor reside no seu ofício, e é por ele que o professor é autorizado a introduzir os mais jovens no mundo. Essa autorização decorre dos saberes sobre o mundo, e da instituição escolar que ele, professor, representa. Ou seja, é pelo mundo e por que existe escola que adultos podem assumir publicamente ofício de ensinar crianças e adolescentes. (GONÇALVES, 2012, p. 152).

A importância da autoridade no contexto da docência na educação básica é entendida a partir da condição político-social do professor. A autoridade do professor não se baseia na sua pessoa, mas na responsabilidade que assume frente à sociedade.

## 2.1 Autoridade docente e indisciplina escolar

A questão da autoridade se manifesta no discurso daqueles que estão envolvidos no contexto educacional, como demonstram várias pesquisas sobre a autoridade docente.



Assim, a pessoa, na função de professor, adquire o poder de determinar as ações dos estudantes que legitimam esse poder, pois lhes é passado de geração em geração, ou adquirem rapidamente na própria escola, a imagem do professor como uma figura que tem o direito de exercer a autoridade.

Entende-se que falar sobre autoridade é difícil, pois envolve questões de poder, tornando-se um tema complexo de se estudar.

[...] o tema da autoridade é bastante complexo e, de certa forma perigoso. Complexo porque diz respeito às relações de poder, relações estas derivadas das esferas políticas, econômica e cultural, sobre as quais tantos bons pensadores se debruçaram e se debruçam sem que se possa dizer, ainda hoje, que luzes definitivas tenham sido projetadas sobre elas. Perigoso porque, justamente por se tratar de relações de poder, as ciladas do despotismo e da hipocrisia estão em todo lugar. Fundar a autoridade sobre as bases ilegítimas leva ao autoritarismo e à injustiça. Porém, negar a autoridade em nome de igualdades forçadas leva à hipocrisia nas relações humanas (TAILLE, 1999, p. 9).

Em se tratando da autoridade docente, compreende-se que ela é construída na relação estabelecida pelo professor em sala de aula com os estudantes, através de um conjunto de ações interdependentes direcionadas à ética, ao planejamento e ao respeito. A autoridade que o educador deve assumir em sua prática deve estar associada ao respeito, ao diálogo e ao tratamento direcionado aos estudantes como sujeitos, preparando-os para serem autônomos, dando-lhes condições para que assumam posição de independência no meio em que estão inseridos. Paulo Freire (1989), ao se referir à importância de o educador utilizar, em sua *práxis*, uma pedagogia da autonomia, afirma:

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência de assumir-se. Assumir-se como ser social histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1989, p.42).

A autoridade se constitui na aliança entre conhecimento e experiência na condução da turma, pois, para encaminhar seus estudantes no processo ensino-aprendizagem o professor precisa dominar tanto o processo de conhecer quanto os fenômenos relacionados a ele (AQUINO, 1999), partindo do pressuposto de que a autoridade é necessária para que os objetivos da educação sejam alcançados.

A autoridade e a formação do professor são fundamentais para administrar a sala de aula, e o professor deve usar a autoridade em benefício da aprendizagem e da formação do aluno, e não para atender seus objetivos pessoais e autoritários. Pode-se dizer que é por intermédio da autoridade do professor que os alunos aprendem a regular

seu próprio comportamento para garantir a apropriação do conhecimento escolar, no intuito de apreender criticamente a realidade, com o objetivo de transformá-la, a fim de conviver em meio à diversidade visando o coletivo.

Certamente, é do interesse de todos os professores saber qual a melhor maneira de lidar com a indisciplina, mas isso é uma questão difícil devido às diversas formas com que ela se apresenta no ambiente escolar. É necessário conhecer o problema, buscar o entendimento sobre os motivos que promovem a indisciplina.

[...] se os professores tiverem clareza dos fatores que geram a indisciplina, poderão perceber o porquê das atitudes “desviantes” dos alunos, ou seja, conhecer as raízes dos problemas daqueles que são rotulados de indisciplinados, como, também, fazer uma autorreflexão obre sua prática frente a esse tipo de comportamento (OLIVEIRA, 2005, p. 49)

A autoridade docente, considerada uma referência simbólica, torna a palavra do professor mais significativa, de modo que ele seja uma figura que mereça ser ouvida, pois tem algo relevante a ensinar, não no sentido de uma simples obediência, mas pelo fato de reconhecer sua legitimidade e sua capacidade de instruir o aluno. Assim sendo, chega-se à conclusão de que a autoridade dos professores sofre variação conforme a escolaridade trabalhada (OLIVEIRA, 2015).

É comum professores se depararem com situações de indisciplina, quase sempre embaraçosas, que fazem com que os professores ajam de modo a alimentar a indisciplina ou não saibam como agir diante daquele aluno indisciplinado, muitas vezes considerado aluno-problema.

Diante da indisciplina, é comum os professores chegarem à conclusão que os alunos agem do modo que agem pela falta de limites dada pela família, dependendo com quem tais estudantes moram (pais, avós, tios, madrastras, padrastos), e assim o problema vai sendo terceirizado, sendo que a indisciplina também é um problema da escola.

Na percepção de Alves (2006), as escolas declaram que as causas da indisciplina são por motivos diversos, e em muitas situações destituem o professor de qualquer responsabilidade. No entanto,

[...] ao contrário do que se imagina, as razões pelas quais a (in) disciplina ocorre estão direta ou indiretamente distribuídas, igualmente, entre a escola, os familiares, a ausência de limites, as desigualdades sociais, o aluno e o professor. Embora as justificativas estejam centradas, quase sempre, em problemas na família, em influências da televisão, da sociedade, da mídia como um todo, nas carências, as mais diversas, exclui-se o educador de qualquer responsabilidade. (ALVES 2006, p. 17).

Em uma perspectiva mais ampla, percebe-se que a indisciplina pode ter múltiplas causas, quer sejam internas e/ou externas à escola.

As causas para a indisciplina podem ter origem externas ou internas à escola. As causas externas podem ser vistas na relativa influência dos meios de comunicação, na violência social e também no ambiente familiar. O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de valores, a anomia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores podem estar na raiz do problema. (PARRAT- DAYAN, 2008, p. 55).

O professor precisa entender os motivos da indisciplina no contexto de sua sala de aula para encontrar a forma mais coerente de agir, pois, é responsabilidade da escola buscar soluções para comportamentos e atitudes que ocorrem em seu interior e que se afastam da civilidade. A escola pública, diz Oliveira (2015), precisa caminhar para uma educação democrática, tendo como proposta a construção de um contrato pedagógico pautado nas regras de convivência, entre outros fatores importantes.

Na sequência da apresentação da pesquisa, descreve-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo em pauta.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa se realizou em uma escola estadual do município de Cáceres-MT, citada, aqui, com o nome fictício de Escola Estadual Flor de Liz, que atende os anos iniciais no período vespertino e os anos finais do Ensino Fundamental no período matutino. Para delimitar o campo de estudo da pesquisa optou-se por iniciar a investigação a partir do Caderno de Ocorrências, abarcando apenas os registros do ano de 2019, de modo a identificar a tipologia das ações consideradas indisciplina e também as turmas com o maior número de registros. Cabe ressaltar que, na escola, os registros são descritos em um caderno simples de capa dura que fica sob a responsabilidade das coordenadoras da escola que vão registrando, de maneira geral e diariamente, todos os fatos ocorridos que alteram a dinâmica didático-pedagógica e administrativa da escola.

No projeto aprovado<sup>4</sup> pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), definiram-se os seguintes critérios para inclusão dos sujeitos no estudo: ter o nome registrado com maior frequência no Caderno de Ocorrências; ter mais de dois anos de serviço naquele espaço escolar e que aceitasse participar da pesquisa, subscrevendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Constatou-se, no Caderno de Ocorrências, que as turmas do 6º e do 9º ano tinham o maior número de registros.

---

<sup>4</sup> Parecer Consubstanciado do CEP de número 3.650.752.



Assim, dos 19 professores dos anos finais do Ensino Fundamental foram selecionados seis que atuavam nas turmas do 6º e do 9º ano, escolhendo-se três dos professores cujos nomes apareceram com maior frequência no Caderno de Ocorrência, e três nomes que não constavam no Caderno de Ocorrência, sendo estes convidados. Os seis professores selecionados trabalhavam na escola há mais de dois anos, três deles eram contratados e três efetivos. E para resguardar o anonimato dos sujeitos da pesquisa lhes foram atribuídos nomes de flores – Orquídea, Rosa, Antúrio, Girassol, Azaleia, Begônia. A entrevista foi individual, agendada antecipadamente, e atendendo à solicitação dos participantes foi realizada na própria escola, na hora da atividade<sup>5</sup> de cada um deles, sendo gravada e transcrita integralmente e guiada pelo seguinte roteiro:

- 1- Relatar as ações, atitudes e comportamentos que considera indisciplina;
- 2- Fatores que alimentam a indisciplina na sala de aula;
- 3- Expor suas ideias sobre a autoridade docente mediante a indisciplina escolar.

A pandemia provocada pela COVID-19 impossibilitou a entrevista com dois professores (Azaleia e Bêgonia), sendo retomada somente no mês de agosto de 2020, quando houve o retorno das aulas, no formato não presencial, nas escolas da rede estadual de Mato Grosso. Naquela oportunidade, o contato foi por ligação telefônica e mensagens via aplicativo de *whatsApp*, quando as entrevistas foram previamente agendadas, por via remota, conforme a disponibilidade de cada professor.

No tópico a seguir discorre-se sobre os resultados e as análises de dados da pesquisa, organizadas em duas etapas: inicialmente, apresenta-se a discussão dos dados do Caderno de Ocorrência, e, na segunda etapa, o resultado e a discussão das entrevistas.

---

<sup>5</sup> Momento reservado para as atividades da docência: planejamento, avaliação entre outras atividades atribuídas aos professores.



## 4 AUTORIDADE DOCENTE E A INDISCIPLINA NA ESCOLA: A VOZ DOS PROFESSORES

### 4.1 Caderno de Ocorrência: o que mostram os registros sobre a indisciplina

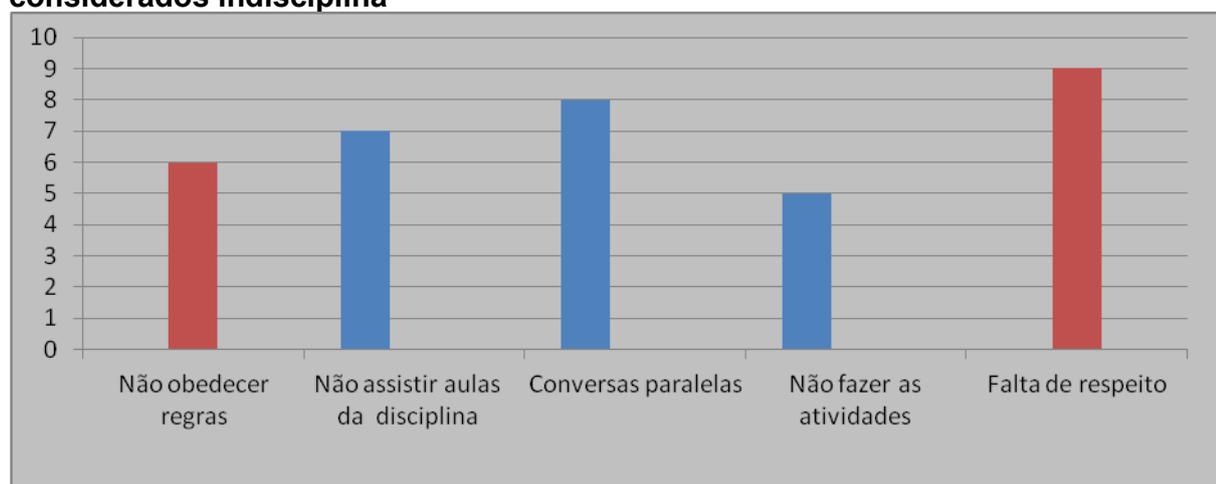
O primeiro documento analisado para a etapa de coleta de dados foi o Caderno de Ocorrência da escola, referente ao ano letivo de 2019, documento destinado ao registro dos fatos referentes aos alunos, funcionários e professores ocorridos no interior do estabelecimento de ensino, que respalda a tomada de decisões da gestão.

No Caderno de Ocorrência são descritos o tipo de acontecimento, a data, o nome completo do aluno, do professor, e a orientação dada pela direção da escola ao fato ocorrido. No ato do registro é solicitado aos alunos que assinem o que foi registrado — quando o ocorrido envolve estudantes — e quando envolve professores e funcionários eles também assinam a feitura do registro.

A coleta de dados e a análise foram importantes para o andamento da pesquisa, pois, durante o processo de leitura do Caderno de Ocorrência, foi possível identificar as turmas onde ocorreu maior incidência de indisciplina durante o ano de 2019, quem foram os professores que registraram e a descrição da ocorrência tipificada como indisciplina. Isso facilitou a escolha das turmas (houve maior intensidade nos anos finais do Ensino Fundamental, nas turmas do 6º ao 9º ano) e dos participantes da pesquisa.

As trinta e cinco ocorrências descritas e registradas pelos professores do Ensino Fundamental, no ano de 2019, da Escola Estadual Flor de Liz, consideradas indisciplina, foram sistematizadas no Gráfico 1.

**Gráfico 1 - Registro de casos no Caderno de Ocorrência durante o ano de 2019 considerados indisciplina**



Fonte: Dados do Caderno de Ocorrências de 2019. Gráfico elaborado por SOUSA, Suele Aparecida Leite de (2020)

A numeração à esquerda do gráfico corresponde ao número de ações identificadas na linha abaixo durante o ano de 2019. Constata-se que os registros são diversos e as ações que se apresentam no cotidiano da escola, em muitos casos, vão sendo registradas repetidamente pelos mesmos estudantes, com os mesmos professores, por exemplo, o aluno Tom (nome fictício) que persistia em não assistir às aulas das disciplinas de Matemática e de Geografia.

*Esteve na coordenação o aluno Tom (nome fictício) do 8ºC, devido o aluno não estar assistindo às aulas. Conversei com os professores sendo assim chegou-se à seguinte conclusão: o aluno Tom será suspenso dos jogos (Ocorrência n. 4).*

Constatou-se, também, lendo os registros do ano de 2019, que as ações praticadas por alguns estudantes, não se repetiam na presença de outros professores. Sobre isto, Aquino (1998, p. 199-200) afirma:

[...] é sempre bom lembrar que um mesmo aluno indisciplinado com um professor nem sempre é indisciplinado com os outros. Sua indisciplina, portanto, parece ser algo que desponta ou se acentua dependendo das circunstâncias só, talvez devêssemos nos indagar mais sobre essas circunstâncias, e, por extensão, despersonalizar o nosso enfrentamento dos dilemas disciplinares.

Aquino (1998) entende que a disciplina não pode ser um pré-requisito para a ação pedagógica, e que a indisciplina é apenas um indicador que algo não vai bem. Casos de alunos que não se dispõem a assistir aula de determinado professor pode estar relacionado à questão metodológica, pois o aluno pode não compreender as aulas do professor e isso causa desinteresse à medida que não consegue acompanhar a explicação. Nesse sentido,

[...] a seleção dos conteúdos, a metodologia e avaliação muitas vezes não estão de acordo com a realidade e as expectativas dos alunos e não se apresentam como uma proposta democrática. Os alunos não conseguem entender para que aprender determinadas matérias que não fazem sentido algum para sua vida cotidiana. E a forma como são transmitidas agrava ainda mais esse desinteresse, pois, os conteúdos, com raras exceções, são passados de maneiras fragmentada e desvinculada da realidade dos educandos. (OLIVEIRA, 2005, p. 68).

Os registros de alunos que se recusaram a fazer as atividades, que não obedeceram às regras e não respeitaram os professores apareceram em todas as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Outro comportamento identificado como indisciplina foi o ato de não obedecer às regras, compreendida pelo professor como

deboche, e retratada como desafio à autoridade do professor em sala de aula. Sobre a falta de respeito para com os professores, na maioria dos registros foi possível identificar, nas descrições de alguns professores, que o desrespeito está relacionado a xingamentos com palavrões.

Vários registros identificaram as conversas durante a exposição de conteúdo, atrapalhando a aula, desviando a atenção dos que querem ouvir e desconcentrando o professor.

Alunos indisciplinados atormentam seus professores, e estes estão preocupados apenas em transmitir os conteúdos e não em formar o cidadão para o futuro; e, por não terem condições de controlar as situações-problema que surgem na sala de aula, deixam a bagunça acontecer. Vivem ainda com a visão restrita de apenas querer o silêncio para que os conteúdos sejam transmitidos, como se a escola tivesse parado no tempo. Não incorporam em seu dia-a-dia as novas tecnologias e conteúdos a que os alunos têm tido acesso (ALVES, 2006, p.19)

Na sistematização e análise das entrevistas utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Cada pauta da entrevista transformou-se em categoria, e após a aplicação da técnica de Análise de Conteúdo foi possível encontrar as unidades de registro que desvelam as ideias que perpassam as falas dos participantes sobre cada uma das pautas da entrevista.

## 4.2 Entrevistas: a percepção dos professores sobre a autoridade docente e a indisciplina

### 4.2.1 *Relato das ações, atitudes e comportamentos consideradas indisciplina*

Os seis participantes da pesquisa destacaram duas atitudes e comportamentos frequentes no 6º e 9º ano da Escola Estadual Flor de Liz: as conversas paralelas e a falta de respeito aos professores. Nas falas foi possível perceber que a professora Azaleia associou a indisciplina à falta de respeito.

*Eu considero indisciplina principalmente a falta de respeito dos alunos na sala e a falta de respeito das regras básicas que devem ser respeitadas dentro da sala para que tenha um bom funcionamento na aula. [...] A principal atitude dos alunos em relação ao comportamento de indisciplina é a falta de respeito. Acho que essa é a principal, faltar com respeito com professor, faltar com respeito com os colegas na sala, quebrar essas regras que a gente já tinha falado na primeira questão, que são fundamentais para que tenha um bom desenvolvimento, para que a aula consiga fluir de uma forma proveitosa para todos os alunos dentro da sala de aula, então são alguns fatores que realmente são visíveis nesses alunos que possui esse índice de indisciplina motivos (AZALEIA, entrevista concedida em 29/09/2020).*

A professora Begônia, durante a entrevista, definiu os xingamentos com palavrões, as atitudes agressivas e a violência como indisciplina escolar, destacando as ações de *bullying*.

*É o bullying, e isso não pode ocorrer na sala de aula, isso não pode ocorrer em uma atividade física. A agressão física não pode ocorrer. Quando o aluno não tem o respeito não tem disciplina. Eu costumo deixá-los de castigo, um momento de reflexão para o aluno, então, para esses alunos eu os deixo um mês sem aula prática, eles participam somente da aula teórica. No quinto ano as crianças não têm regra, brincam à vontade e os professores deixam, agora no sexto ano tem regra, tem horários para as disciplinas, pois terão mais professores. [...] Eu faço o interclasse, onde também ocorre indisciplina, um xingando o outro, pegam pau para acertar o outro. Na escola tem bastante pé de manga, daí eles jogam manga no outro, teve situações que tive que cancelar o interclasse por esses motivos (BEGÔNIA, entrevista concedida em 05/08/2020).*

Os participantes da pesquisa não têm clara a distinção entre indisciplina e os comportamentos agressivos e xingamentos que mais caracterizam incivilidade e até mesmo a violência do que a indisciplina. Segundo Abramovay e Avancini (2007), a incivilidade se qualifica pelas humilhações, falta de respeito, agressividade verbal, palavras grosseiras enquanto que a violência, por sua vez, define-se “como uso intencional da força física ou do poder real, ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, grupos ou uma comunidade, que pode resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2012).

O conceito de incivilidade e de violência se distingue do conceito de indisciplina que é

[...] uma ação corriqueira no meio escolar. É um ato de transgressão passível de punição prevista em normas, regras ou regimentos das instituições, e, no caso da escola, as normas devem ser do conhecimento dos alunos. A indisciplina não faz uso da força, não há violência, mas gera a perturbação da ordem (TIELLET, 2012, p.117).

A indisciplina é a manifestação de um conflito que aparece nas escolas de modo cada vez mais intenso, portanto, ela pode ser considerada um indicador de que algo não está bem, seja relacionado à prática pedagógica do professor, às questões pessoais e subjetivas dos alunos, à estrutura, à gestão escolar, dentre outras causas. Assim,

[...] a indisciplina pode ser a resposta ou a reação ao desconforto sentido pelo(s) discente(s) com a postura do professor, com a proposta didático-pedagógica, com o clima geral da sala de aula ou da escola; pode indicar uma necessidade legítima de transformação no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno (AQUINO, 1998, p.35).

É preciso saber diferenciar a indisciplina de outros comportamentos e atitudes. “Ainda que em muitas ocasiões a violência social e a indisciplina escolar apareçam associadas, elas não são sinônimas” (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 24). A violência e a indisciplina estão inclusas no dia a dia da sala de aula, fato que não se pode negar. Ambas se constituem um problema social, que repercute de diversas formas no espaço escolar, com isso entende-se que se a indisciplina não for tratada a tempo, as repetições de tais atos podem se agravar, gerando a violência.

Quatro professores, por sua vez, identificaram a conversa em sala de aula como indisciplina. Segundo eles, são conversas fora do contexto das aulas, denominadas conversas paralelas, quando, em sala de aula, o professor está explicando o conteúdo e alguns alunos começam a conversar sobre assuntos alheios ao contexto da aula. Isso atrapalha a aula, e com essa atitude os alunos desviam a atenção dos que querem ouvir e desconcentram o professor.

*“Eu considero **conversas paralelas**; [...] aí os alunos ficam, pois eles não adquirem o conhecimento atrapalham o rendimento da aula, e atrapalham a explicação, então conversando. Pra mim, é a pior indisciplina de tudo você tem três impactos, atrapalha o rendimento, atrapalha a aula e a explicação, entre si prejudica, pois eles não incorporam os conceitos, as aprendizagens por conta das conversas, então a conversa é a pior da indisciplina” (GIRASSOL, entrevista concedida em 24/01/2020).*

*“[...] considero como indisciplina, a conversa/não o questionamento, a conversa paralela fora do contexto do diálogo do momento, a **conversa paralela**” (ROSA, entrevista concedida em 22/01/2020).*

*“[...] são as **conversas paralelas**” (ANTÚRIO, entrevista concedida em 27/01/2020)*

*“Para mim indisciplina é quando o aluno não se envolve com atividades da sala e se interessa por brincadeiras, **conversas paralelas**” (ORQUIDEA, entrevista concedida em 24/01/2020).*

As ações de indisciplina não podem ser consideradas tão somente sob o aspecto negativo, responsabilizando o aluno pela impossibilidade de o professor executar suas tarefas pedagógicas e, em consequência, responsabilizar o aluno pelo fracasso escolar e a crise da educação (TIELLET, 2012).

Talvez, a indisciplina escolar esteja nos indicando que se trata de uma recusa desse novo sujeito histórico a práticas fortemente arraigadas no cotidiano escolar, assim como uma tentativa de apropriação da escola de outra maneira, mais aberta, mais fluida, mais democrática. Trata-se do clamor de um novo tipo de relação civil, confrontativa na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer



custo. Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando também uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno (AQUINO, 1998, p.5).

#### 4.2.2 Fatores que alimentam a indisciplina em sala de aula

Na segunda questão da entrevista, sobre os fatores que provocam a indisciplina em sala de aula, segundo os professores, há duas unidades de registro, as quais constam no Quadro 1.

**Quadro 1– Unidade de Registro e de contexto sobre a dinâmica da indisciplina escolar**

UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Adaptação	“Existem turmas e turmas. E os alunos nunca são iguais, ela varia de turma para turma. [...] O 6º ano é a indisciplina da adaptação, né? o aluno está se adaptando à troca dos professores a todo o momento, também acho que há diversos fatores, a puberdade, a descoberta, assim é difícil pontuar. Há diversos fatores, mas o aluno do 6º ano [...] a questão da indisciplina, eles são bem inquietos, essa inquietude deles, eu falo, a inquietude da curiosidade também [...] mas a inquietude deles maior é de conversar, de se movimentar o tempo todo” (ROSA, entrevista concedida em 22/01/2020)
	“Falta de interesse, às vezes o aluno não se interessa pelos conceitos, ele geralmente não se interessa por nada. [...]A indisciplina se origina das seguintes formas: falta de interesse, falta de participação, conversas, esses aí são alguns fatores que influenciam na indisciplina” (GIRASSOL, entrevista concedida em 24/01/2020)
	“[...] no quinto ano as crianças não têm regra, brincam à vontade e os professores deixam, agora no sexto ano tem regra, tem horários para as disciplinas, pois terão mais professores” (BEGÔNIA, entrevista concedida em 05/08/2020).
Inquietação do corpo e do pensamento	“[...] correm muito em sala de aula, os alunos querem brincar e durante as explicações eles não param quietos para prestar atenção” (ANTÚRIO, entrevista concedida em 27/01/2020)
	“Geralmente, a indisciplina ocorre por aqueles alunos que não conseguem desenvolver os conteúdos de sala, são aqueles alunos que têm problema com aprendizagem, então como eles ficam ociosos, aí sobra tempo para chamar atenção e fazer brincadeiras. aí, já começa a envolver a sala toda”. (ORQUIDEA, entrevista concedida em 24/01/2020)
	“Alguns são indisciplinados, por causa da fase da adolescência, alguns têm outros fatores que estão mexendo com aquele aluno naquele momento como as vezes o aluno faz aquilo para chamar atenção de um outro problema o problema pessoal, problema familiar um problema que ele vem enfrentando” (AZALEIA, entrevista concedida em 29/09/2020)

Fonte: Dados da entrevista. Quadro elaborado por SOUSA, Sueli Aparecida Leite de (2020).

Em relação à adaptação foi possível constatar que os professores se referem às turmas do sexto ano, como aparece na fala da professora Rosa. A turma do sexto ano ficou em evidência como unidade de sentido – **adaptação** -, porque esses alunos passaram para uma nova etapa de ensino ao ingressar no 6º ano. Conforme relatos dos



professores, na etapa anterior aos anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino é bem lúdico, geralmente não há troca de professores nas disciplinas, e somente um professor pedagogo está com eles. A mudança de professor, por disciplina, é um dos motivos que leva alguns alunos a apresentarem dificuldades em prestar atenção às aulas.

*[...] só que a indisciplina no 6º ano é maior, pois ele ainda não consegue adaptar ao ritmo que está sendo imposto agora, eles estão acostumados ainda com as brincadeiras, aqui tem um 6º ano que correm muito em sala de aula, os alunos querem brincar e durante as explicações eles não param quietos para prestar atenção, olham para o lado, ficam conversando, olham para o outro [...], isso atrapalha a aula (ANTÚRIO em entrevista concedida em 27/01/2020)*

É um trabalho árduo para os professores, principalmente para os que atuam nas turmas do sexto ano, sobretudo no início do ano letivo, quando precisam trabalhar bastante a adaptação desses alunos para conseguir que se envolvam com as aulas. Nas outras turmas, também devem buscar envolver os alunos nas aulas para amenizar a inquietação (agitação) deles e conseguir dar continuidade ao trabalho no decorrer do ano. Assim, o professor precisa conhecer seus alunos para ter clareza da realidade de cada um, trabalhar com regras de convivência na sala de aula para evitar possíveis conflitos entre os alunos.

Os professores afirmam que o aluno inquieto não se concentra nas aulas, sua atenção e os seus pensamentos estão conectados com outras coisas, como diz a professora Rosa em entrevista concedida em 22/01/2020: “[...] a questão da indisciplina, eles são bem inquietos, essa inquietude deles, eu falo, a inquietude da curiosidade também [...] mas a inquietude deles maior é de conversar, de se movimentar o tempo todo”. Essa fala sustenta a unidade de sentido — **Inquietação do corpo e do pensamento** — que se refere aos estudantes do 9º ano, na fase da adolescência que os arrasta à instabilidade emocional e intelectual. Independentemente da idade ou do ano de escolaridade do estudante, os professores devem ter uma nova postura, a fim de construir uma realidade pautada no respeito e no diálogo, conforme sintetiza Araújo (1999):

[...] enfrentar as indisciplinas da vida, portanto exige dos profissionais da educação uma nova postura, democrática e dialógica, que entenda os alunos não mais como sujeitos subservientes ou como adversários que devem ser vencidos e dominados. O caminho é reconhecer os alunos como possíveis parceiros de uma caminhada política e humana que almejam a construção de uma sociedade mais justa, solidária e feliz. As relações na escola devem ser de respeito mútuo, a diversidade dos interesses pessoais e coletivos deve ser valorizado, e a escola deve buscar construir uma realidade que atenda aos interesses da sociedade e de cada um de seus membros (ARAUJO, 1999, p.232).

As ações descritas no Caderno de Ocorrências como sendo indisciplina – não obedecer às regras, não assistir à aula da disciplina, provocar conversas paralelas, não fazer atividades e faltar com o respeito são práticas, segundo os professores pesquisados, motivadas pela adaptação e pela inquietação do corpo e do pensamento dos alunos.

É fundamental que o professor conheça a sua turma, pois os motivos das ações consideradas indisciplina podem variar de turma para turma. Na turma do sexto ano da escola pesquisada, a indisciplina é motivada pela adaptação a uma nova organização curricular, e na turma do 9º ano é resultante da adolescência, fase em que a maioria dos estudantes se encontra.

#### *4.2.3 Concepção de autoridade docente que sustenta o enfrentamento da indisciplina na sala de aula.*

Apresentada a pauta — Expor suas ideias sobre a autoridade docente mediante a indisciplina escolar — aos participantes e mesmo que eles tenham expressado a compreensão do que possa estar alimentando a indisciplina na sala de aula do 6º e do 9º ano, os professores revelaram, nas falas, concepções de autoridade docente que sustentam e justificam suas ações para enfrentar a indisciplina. Foi possível identificar essas concepções, constituindo-as como unidades de registro (Quadro 2).

#### **Quadro 2- Unidade de registro e de contexto sobre a concepção de autoridade docente no enfrentamento da indisciplina escolar**

UNIDADE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
<b>Autoritária</b>	“[...] o professor tem que ter autoridade, autonomia e segurança, se ele se sente inseguro em sala de aula os alunos sentam, puxam o tapete mesmo. Eu sou muito flexível, tem dias que eu estou duro tem dia que estou mais tranquilo com eles. Eu acho que a sala de aula é isso, a sala de aula é muito diversa, você não pode ter todos esses momentos de rigidez com os alunos, porque eles acabam não se identificando com a disciplina. Eles acabam tendo certa resistência, certa falta de interesse e, mesmo tendo essa flexibilidade, têm alunos que não se interessam pelo conteúdo, não se interessam com as atividades práticas” (GIRASSOL, entrevista concedida em 24/01/2020).
	“A autoridade é necessária, até quando se trata do autoritarismo às vezes com alguns alunos é necessária [...] muitas vezes é preciso usar o autoritarismo com alguns alunos, para impor algumas coisas, senão você não consegue. [...] o aluno tendo conhecimento que o professor é autoridade ali, ele vai frear um pouquinho a indisciplina dele. O professor se impõe, mas, a gente sabe também que têm professores que não exerce essa autoridade, então, deixa a coisa correr solta [...] para o enfrentamento da indisciplina, acho que ela é necessária” (ORQUIDEA, entrevista concedida em 24/01/2020)



	“Quando o aluno não tem o respeito não tem a disciplina, eu costumo deixá-los de castigo, um momento reflexão para o aluno, então para esses alunos eu os deixo um mês sem aula prática, eles participam somente da aula prática” (BEGÔNIA, entrevista concedida em 05/08/2020)
Democrática	“Normalmente eu dou três chances para o aluno, eu chego converso uma, duas, na terceira vez a conversa tem que ser lá com a coordenação, pois eu acho assim, se ele não aprendeu na primeira e na segunda, não vou continuar chamar atenção pois ele vai continuar na mesma, então tem que ter uma atitude um pouco mais firme, que levando para a coordenação tem-se essa ideia o aluno que a coordenação é algo que faço errado e a coordenação vai chamar atenção, ele fica meio com medo, quando ouve coordenação, depois que eles vem da coordenação chegam um pouco mais calmo” (ANTÚRIO, entrevista concedida em 27/01/2020)
	“[...] Quando a ação do aluno eu considero ser um pouco mais grave, eu costumo chamar o aluno para fora da sala, chamo ele em particular para conversar com ele a respeito das ações dele, quando não resolve eu costumo fazer uma chamada por escrito, coloco o aluno para assinar tudo aquilo que relatei, quando não resolve trago para a coordenação para comunicar os pais” (ROSA, entrevista concedida em 22/01/2020)
	“Eu acredito que em muitos casos, não em todos, mas em muitos casos sim, é preciso ser autoritário. Acho que essa autoridade deve ser dosada, mostrar autoridade com intuito de controle e domínio em sala de aula com relação a indisciplina” (AZALÉIA, entrevista concedida em 29/09/2020).

Fonte: Dados da entrevista. Quadro elaborado por SOUSA, Suele Aparecida Leite de (2020).

Segundo os relatos dos participantes da pesquisa, no que tange ao cotidiano escolar perante a indisciplina apresentada pelos alunos, os professores precisam exercer a autoridade em sala de aula, entretanto, destacam-se diferentes concepções e entendimento sobre autoridade docente. Conforme aparece na resposta dos docentes Orquídea, Girassol e Begônia, eles representam as diferentes compreensões autoritárias de educação. Outros se mostram inseguros no enfrentamento da indisciplina, mas compreendem a necessidade de uma relação ponderada em sala de aula, como expressam Antúrio, Rosa e Azaleia.

Sobre isso, Oliveira (2005, p. 75) afirma que: “assim como os professores, muitas vezes não sabem como lidar com a indisciplina dos alunos, também, não têm clareza, na relação com eles, de quando termina a sua autoridade e começa o autoritarismo”. Nos discursos dos professores constata-se que há alunos que tentam, em diversos momentos, intimidar os professores através de comportamentos de indisciplina. É necessário ter autoridade para conduzir esses alunos, mas não se pode confundir autoridade com autoritarismo, pois, o autoritarismo tem a ver com a imposição de ordem, ou seja, utilizar a coação para que os alunos obedeçam de qualquer forma.

A unidade de registro — **autoritária** — expressa nas falas dos participantes se refere a uma hierarquia em que alguém que está no poder deve ser obedecido em tudo,



mas essa não deve ser a postura que o professor deva adotar em sua prática pedagógica, porque não se está formando subalternos, nem soldados, mas cidadãos. Na sala de aula, o professor e o aluno não estão em uma competição de quem manda mais, por esse motivo a relação entre professor e aluno não deve se basear em uma relação autoritária.

A unidade de registro – **democrática** – expressa uma posição equilibrada frente às ações de estudantes que visam provocar o professor. Nas ações de indisciplina, o aluno mede a resistência, a paciência, a tolerância, a coerência do professor, e não necessariamente se constitui em uma afronta (TIELLET, 2012). Esses participantes acreditam que o professor deve usar a autoridade com responsabilidade para ter o controle e conduzir sua turma com métodos de aprendizagem que promovam a liberdade e a autonomia, por isso ele precisa ter clareza de sua função frente ao aluno para exercer a autoridade necessária.

O professor não pode enfrentar a indisciplina por meio da imposição, pois toda forma de imposição pode ser qualificada como autoritarismo. Assim, utilizar a autoridade em sala de aula não significa que o professor deva ser “durão” o tempo todo. Ele pode agir, sim, com autoridade, mas de forma afetuosa, disposto a ouvir seus alunos, dar atenção, com atitudes opostas ao professor autoritário que requer dos alunos somente aquilo que ele acredita ser o ideal para a sala de aula, não dando oportunidade para que o aluno questione e participe de todo o processo de aprendizagem de forma interativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo em pauta pretendeu-se responder as seguintes questões: Como os professores identificam a indisciplina em meio a diferentes conflitos que ocorrem em sala de aula? E de que modo a autoridade docente se constitui como premissa para o enfrentamento da indisciplina em sala de aula? O desenvolvimento do estudo em uma escola estadual de ensino fundamental desvendou a dificuldade que os professores encontram para caracterizar a indisciplina, associando-a à incivilidade e, principalmente, à violência, o que tem dificultado ações de enfrentamento e de redução da indisciplina em sala de aula e no contexto escolar.

Também se constatou que a imposição da autoridade docente, segundo os participantes da pesquisa, pode se relacionar à percepção autoritária ou à percepção democrática. Neste estudo, as duas percepções sustentam distintamente a compreensão



da autoridade docente e as ações de enfrentamento ao que os professores definem como indisciplina.

Do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, a indisciplina atrapalha muito o andamento das aulas, e exercer a autoridade docente diante da indisciplina se torna um desafio, e, em muitas situações, os professores entrevistados utilizam ações autoritárias diante do comportamento dos estudantes, o que se torna preocupante porque a concepção autoritária utiliza meios de coação, de dominação e de imposição para obter o respeito e o resultado desejado.

Chamou a atenção o fato de que os professores pesquisados têm consciência e a compreensão de que fatores psicológicos de maturidade dos estudantes e os didático-pedagógicos relacionados à organização curricular alimentam a indisciplina no 6º ano, isto é, adaptação à nova organização curricular, e no 9º ano à inquietude do corpo e do pensamento provocada pela adolescência. Ocorre que a instituição escolar não promove ações que possam amenizar tais fatores, deixando a cargo dos professores o enfrentamento.

A questão da autoridade docente frente à indisciplina escolar precisa ser pensada por toda a gestão escolar, pois não é um problema que envolva somente o professor. A escola precisa ser organizada, ressignificar suas ações diante dos problemas pedagógicos, e ter uma estrutura física adequada, pois esta também é fundamental para um ambiente escolar tranquilo. Tanto a indisciplina quanto o seu enfrentamento repercutem no ensino e na aprendizagem e no reconhecimento da autoridade docente. O ambiente escolar precisa ser convidativo para a permanência nele. Por isso, é importante que seja bonito, confortável, atraente, que convide o aluno a mergulhar no conhecimento e na ciência. É preciso ter a compreensão de que a construção de um ambiente agradável, e de uma relação de respeito e confiança em sala de aula, vai depender muito da postura profissional do professor.

A indisciplina é uma ação corriqueira no meio escolar. Enfrentar a indisciplina, a incivildade e a violência no ambiente escolar é tarefa da escola e não do professor em particular com sua turma. Cada escola é um corpo social que precisa ser cuidado em seu conjunto; precisa identificar os problemas que o afligem, adotar medidas cirúrgicas necessárias e pontuais. Uma característica específica da indisciplina, é ser inerente à ação pedagógica, e, por isso, não ocorre de modo semelhante em todas as escolas, mas em todas elas a indisciplina busca atingir a autoridade. A autoridade do professor se baseia na relação em sala de aula, e não existe um manual de instrução para auxiliar o docente em sua prática, que mostre o que ele deve ou não fazer. Entretanto, se o



professor puser em prática uma autoridade coerente com seus princípios, sem ser autoritário, conseguirá transformar um ambiente de conflitos em um ambiente organizado. E a boa relação entre o educador e os alunos se tornará fundamental, pois, a melhor forma de resolver qualquer conflito é através do diálogo, da compreensão e do estabelecimento de regras elaboradas de comum acordo entre os atores escolares, de modo que em sala de aula o professor, através da sua liderança mediadora, seja reconhecido como autoridade docente.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; AVANCINI, Marta Franco. **Educação e Incivilidade**. [2007?]. Não-paginado. Disponível em: < <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=682>>. Acesso em 15 abr., 2009.

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In)Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano**. Ilhéus, Ba: Editus, 2006

AQUINO, Júlio Groppa (org). **Autoridade e Autonomia na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina Na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 13ª ed., 1996.

AQUINO, Julio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 47, dezembro/1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n47/v1947a02.pdf> Acesso em: 05/07/2019

ARAÚJO, Ulisses f. de. Autoridade na escola. In: AQUINO, J.G. (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FREIRE, Paulo. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e terra, 1996.

GONÇALVES, Tânia. **Autoridade docente: pensamento, responsabilidade e reconhecimento** [doi:10.11606/T.48.2012.tde-23082012-100731]. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012. Tese de Doutorado em Educação. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23082012-100731/pt-br.php> Acesso em: 05/05/2019



OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: determinações, consequências e ações**. Brasília: Líber Livro, 2005.

OLIVEIRA, Adriana Dias de. **Autoridade docente no Ensino Médio: compassos e descompassos no contexto contemporâneo**. 2015. 262 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3618> Acesso em 27 set.,2022.

OMS. Organização Mundial da Saúde – OMS. **Word report in violence and health**. Genebra: WHO.2002.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

TAILLE, Yves de la. Autoridade na escola. In: AQUINO, Julio.Groppa. (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

TIELLET, Maria do Horto Salles. **As Políticas públicas de redução e prevenção dos conflitos e da violência em ambiente escolar no estado do Mato Grosso, no período de 2003-2010, e os reflexos nas escolas estaduais do município de Cáceres**. 2012. 362p. Tese (Doutorado em Educação). Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os desafios da indisciplina na sala de aula**.1997. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p227-252\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf) Acesso em: 27 abr 2019.

